

ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E LITERATURA: CONEXÕES POSSÍVEIS

HIGH SCHOOL STUDENTS AND LITERATURE: POSSIBLE CONNECTIONS

Francisco de Assis Neto¹

Resumo: Esta pesquisa toma como objeto de investigação a formação literária de estudantes do ensino médio, buscando compreender quais são suas relações com a literatura, considerando as diferentes manifestações físicas do texto. Tomando a Semiótica de linha francesa para as análises, realizou-se uma entrevista com alunos de uma turma de 3ª série do ensino médio de uma escola estadual em Nova Olinda, Tocantins, focalizando os discursos dos estudantes a respeito do plano de expressão e do possível prazer estético que emana do texto literário. Os resultados apontam que os alunos apresentam certa compreensão sobre literatura como objeto construído para o prazer, desconsiderando a leitura para fins pragmáticos.

Palavras-chave: Literatura. Semiótica. Discurso. Ensino.

Abstract: This paper takes as its object of research the literary formation of high school students, trying to understand their relationship with literature, considering the different physical manifestations of the text. Taking French Semiotics to the analysis, an interview was made with students from a 3rd high school grade class of a public school in Nova Olinda, Tocantins, focusing on the speeches of the students about the expression plan and possible aesthetic pleasure emanating from the literary text. The results show that students have some understanding of literature as an object built for pleasure, disregarding the reading for pragmatic purposes.

Keywords: Literature. Semiotics. Speech. Education.

Introdução

A partir de estudos sobre o letramento literário, processo específico de formação literária no qual se buscam desenvolver capacidades de leitura com vistas ao prazer do texto, desenvolvemos um estudo a respeito da relação de alunos do ensino médio com a literatura, objetivando compreender de que forma os estudantes costumam buscar os textos em seu cotidiano.

A partir do interesse pelos sentidos que os alunos atribuem à literatura, enfocamos a importância do plano de expressão como fator de construção de sentidos nos textos ditos literários. Trata-se, como se sabe, de uma construção textual particular, em que a linguagem

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras/Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail do autor: fas.neto@hotmail.com

verbal é utilizada de forma incomum, surpreendente, almejando o prazer estético, a partir do material linguístico de que se apropria.

Nesse sentido, tendo em vista discutir essas disposições para a apreciação da literatura e a formação literária oferecida na escola, apoiamo-nos na semiótica greimasiana, principalmente no que ela oferece a respeito da relação do sujeito com o objeto estético. Essa relação particular, vista na semiótica como um afastamento do caminho natural que se percorre todos os dias (GREIMAS, 2002), marca uma apreensão do objeto pelos traços que lhe são imanentes, ou seja, pelas características que o tornam específico e, por isso, capaz de arrebatá-lo e fazê-lo experimentar a estesia.

A partir desses entendimentos, esta pesquisa considera, como sujeitos participantes, alunos de uma turma de 3ª série do ensino médio de uma escola pública estadual, em Nova Olinda, Tocantins. A proposta é de analisar o discurso desses alunos sobre o que dizem a respeito de sua relação com a literatura, levando em conta diferentes aspectos físicos dos textos literários ao longo da história, desde a literatura puramente oral até os textos digitais oferecidos, hoje, na internet.

Como método para a geração de dados, realizamos uma entrevista com os alunos de uma turma do período matutino, em um diálogo aberto, porém sistematizado e conduzido para que se desenvolvesse uma discussão em torno do tema proposto. Alguns questionamentos que guiaram a entrevista dizem respeito ao modo como os alunos costumam ler literatura, em casa ou na escola, assim como sobre os seus propósitos durante as leituras e o que pensam ser o prazer no texto literário.

A reflexão que trazemos aqui é uma soma a todos os estudos acadêmicos que ponderam a respeito do ensino de literatura, da presença dos textos literários na vida das pessoas e da forma como se tem ensinado a usufruir o prazer estético. Diante da realidade de educação escolar existente, com demasiados problemas no ensino, a pesquisa aparece como um querer avançar, um desejo de dar passos e alcançar, se não a mudança, a compreensão de um problema.

1. A Semiótica e a relação do sujeito com o estético

Reconhecendo que o homem não é apenas sujeito da ação, mas é, também e durante isso, actante que sofre ações e é constantemente afetado das mais diferentes formas pelo mundo (GREIMAS, 2002), a semiótica greimasiana concebe uma importante reflexão sobre a relação do indivíduo com o objeto estético, como objeto pregnante, isto é, capaz de arrebatá-lo e fazer o sujeito de seu percurso de ação e colocá-lo, por um instante, em uma situação de prazer

estético que se origina da própria ação do objeto sobre o sujeito, objeto que passa a ser percebido pelas qualidades que lhe são imanentes, como figura do mundo sensível.

Greimas (2002) descreve essa relação do sujeito com um objeto estético como sendo um instante de fuga ou uma ruptura na linha contínua que seria a naturalidade do cotidiano. O comum, aquilo que marca sobremaneira uma sintaxe da vida habitual, seria a ação do sujeito sobre o mundo, o poder-fazer e o saber-fazer. O momento estético seria, então, a parada para sentir, em uma outra maneira de perceber o mundo que, por ser do nível do sensível, congrega uma espécie de prazer arrebatador que deixa marcas e nostalgias.

Nesse sentido de parada, a teoria semiótica sobre a apreensão estética, ou a relação sensível entre o sujeito e o objeto, tem a ver com o que Barthes (1978) chama de parada para respirar, referindo-se aos instantes em que o indivíduo busca a arte em meio ao caos do dia a dia, como uma busca da liberdade, já que o ser humano é convocado, naturalmente, a perscrutar a liberdade. Roland Barthes, com uma concepção bastante filosófica para significar a relação do homem com a literatura, compreende que, não podendo alcançar a liberdade ou uma desvinculação total do poder a que é submetido pela linguagem, o homem usa a literatura como uma trapaça linguística, uma esquiva do caminho aprisionador que, ordinariamente, segue.

Se o ser humano parte e, geralmente, se encaminha a um fazer que o coloca em uma relação com o mundo marcada pela racionalidade, como ato natural, intrínseco ao seu próprio modo de vida – um conhecimento do mundo e um fazer dos quais depende para sobre(viver) –, não deixa de ser igualmente natural que necessite empreender com o mundo uma interação que seja puramente estética, através de um movimento que o coloque frente a frente com os objetos e o faça perceber qualidades que se prestam essencialmente à contemplação e à satisfação sensível (GREIMAS, 2002).

Considerando que o sensível faz sentido, Landowski (2015) desenvolve uma importante reflexão a respeito das análises sobre a apreensão estética na semiótica, aquela que separava o sensível do inteligível e via no primeiro um estado em que se insere um não-sujeito desprendido de suas capacidades cognoscentes.

Esse semioticista afirma ser o encontro estético “uma outra forma de encontro entre o homem e o mundo” (LANDOWSKI, 2015, p. 94), e completa dizendo que:

A convocação do sujeito pelas qualidades imanentes das figuras do mundo sensível parece então coincidir com a revelação do sentido. Desse ponto de vista, não é possível opor conceitualmente o sentir, com o seu caráter imediato, à reflexividade do conhecer, nem separá-los analiticamente. Deve-se, ao contrário, procurar dar conta da maneira pela qual o sensível e o inteligível, essas duas dimensões constitutivas da nossa apreensão do real, essas duas formas complementares de um

único saber sobre o mundo, misturam-se e, provavelmente, até se reforçam uma a outra (LANDOWSKI, 2005, p. 94-95).

Landowski, portanto, percebe o sentir como o estado de apreensão do mundo que irá, enfim, conduzir à construção de sentidos, como um instante necessário e integrante do processo de significação. A percepção das qualidades imanentes das figuras do mundo sensível surge, assim, como uma outra forma de interagir com o mundo, parceira de uma apreensão mais imediatamente interessada, de caráter mais pragmático.

Dessa forma, ele aponta que há duas dimensões da apreensão do real, uma do nível do inteligível e a outra do sensível, mas que as duas se complementam na construção do conhecimento sobre o mundo, reforçando-se uma à outra. Nesse caso, o instante de interação estética não pode ser compreendido como um afastamento ou uma oposição ao inteligível no que diz respeito à produção de conhecimentos, já que, sentindo, o sujeito adquire um saber sobre o mundo próprio do sentir, inerente à percepção interessada unicamente na contemplação.

Essa contraposição entre os modos racional e estético de perceber o mundo já era feita por Platão (1993) e serviu como argumento para que rejeitasse a arte, porque esta era, para esse filósofo, um simulacro do mundo, que, por sua vez, já era uma dessemelhança da verdade, uma cópia do real, o qual apenas residia no mundo das ideias.

Platão compreendia que havia um outro plano no qual habitavam a verdade e o inteligível. Era de lá que emanariam todas as inspirações para a construção das coisas neste mundo sensível, o que já era compreendido como um afastamento da verdade. Estaríamos, nesse sentido, naturalmente distanciados do inteligível, cabendo a nós buscá-lo por meio da Filosofia.

O problema da arte, para Platão, era ser uma simples percepção do mundo sensível, não podendo ir além do que está diante dos olhos e, assim, nunca sendo capaz de alcançar a verdade. A arte estaria, com isso, duplamente distanciada do real, o que lhe rendia como marca a mera imitação do dessemelhante, um engano que deveria ser evitado pelos homens desejosos de racionalidade. Esse era o argumento que o fundador da Academia de Atenas usou para substituir a Poesia pela Filosofia, esta, sim, vista como caminho adequado para uma aproximação do inteligível.

Aristóteles, buscando avançar nas ideias de seu mestre, já reconhecia que a arte é intrínseca à natureza humana, como parte de suas capacidades de significação e conhecimento do mundo (ARISTÓTELES, 1981). Ele via a imitação como a expressão de experiências possíveis e, por isso, considerava benéfica a composição de narrativas poéticas apoiadas na

verossimilhança, em atos marcados pela possibilidade de se tornarem reais. Dessa forma, para ele, enquanto a dessemelhança deseducava o homem, a verossimilhança o preparava a vida em comunidade, despertava sentimentos universais, importantes para os relacionamentos na *polis*.

O bem da arte poética, para Aristóteles, estava em seu caráter pedagógico, servindo como meio para os homens expurgarem sentimentos, em um efeito de identificação com um personagem e uma situação representada. Para esse filósofo, cumprida a exigência da catarse, a arte não só atenderia à natureza humana de imitação, como também revelaria que o homem não deixa, nem mesmo quando busca a satisfação dos anseios de imitar, de ser um ente racional.

Dessa forma, para esse discípulo de Platão, a arte teria o poder de revelar, pelo menos, duas naturezas humanas. A primeira delas é a de que não podemos viver sem construir, para nós, uma versão imaginativa do mundo – referindo-se, no seu caso, às narrativas poéticas que os antigos gregos elaboravam e davam ao seu prazer –, criada para satisfazer à simples capacidade de imitar. A segunda das naturezas humanas que esse filósofo apontava é a de sermos racionais e, o sendo, não podermos deixar de ser, apenas devendo revelá-lo por diferentes modos. Nesse caso, a mimese não atenderia, conforme a teoria aristotélica, apenas à nossa natureza de imitar as coisas do mundo, como também nos permitiria usar a razão e conhecer o mundo, como instrumento para a ação.

Aristóteles, então, concebeu a arte como uma forma de racionalizar o mundo, de perceber e dar sentido aos fatos, fenômenos, objetos, pessoas que nos rodeiam. A imitação estaria, portanto, na essência de toda e qualquer pessoa, como uma das qualidades que marcam a nossa humanidade e nos fazem diferentes dos outros seres. Ela, para o filósofo estagirita, não deveria, portanto, ser apenas objeto de satisfação, de um puro prazer que morresse em si mesmo, mas deveria prestar-se ao exercício do raciocínio, ao desenvolvimento do conhecimento, objeto tão caro à filosofia aristotélica.

Colocando o conhecimento não apenas como meta da criação artística, mas como um extremo oposto ao puro prazer, Aristóteles acreditava numa arte que estivesse a serviço do desenvolvimento da razão. Nessa linha de pensamento, a imitação pela imitação não teria sentido, pois esse prazer, pura e simples relação do homem com o estético, não estaria vinculado nem poderia gerar conhecimento.

Se não concordamos com Aristóteles no ponto em que afirma que a imitação não tem sentido se se presta apenas à satisfação e ao prazer estético, não podemos deixar de nos aproveitar de seus pensamentos para lembrar que o gosto por imitar é inerente ao humano e,

como tal, não é especificidade dos artistas, particularidade apenas dos criadores de objetos estéticos, como observam Silva e Magalhães (2011). Essas pesquisadoras lembram ainda que a literatura, por meio da linguagem, permite o encontro com o outro, e, assim, constrói um espaço de exercício colaborativo de criação, pois esse espaço não pode existir senão pela atuação do leitor especializado – num ato interpretativo e responsivo diante do fazer do escritor (BARTHES, 1987) –, capaz de percorrer as pistas e participar das tramas que imitam o mundo real, apropriam-se da realidade para, pelo viés da arte, ressignificar o mundo.

Elemento da essência do homem, necessidade diante do caos que é o contínuo, a arte corresponde a uma satisfação humana, a um fato importante no desenvolvimento da pessoa, tanto em sua individualidade como no exercício social, por não ser sujeito destinado unicamente ao fazer e ao saber sobre os objetos, mas encaminhado, também, a atender ao chamado que convoca todo indivíduo a sentir o mundo.

Antônio Cândido (1995; 2002), dialogando com Aristóteles, nos fala sobre a necessidade humana de criação ficcional. Porém, o autor (1995) compreende que, como fato natural na essência humana, a imitação se faz para suprir ao puro desejo de imitar. Todas as culturas – povos e indivíduos – vivenciam, todos os dias, a experiência da construção de narrativas ficcionais, de textos fabulosos, poéticos e elaborações de linguagem que nada mais são do que uma fuga do comum e natural do andar cotidiano.

Essas experiências com a ficção, conforme nos alerta Candido (1995), ocorrem através das mais variadas elaborações. Desde os causos e anedotas mais simples contados pelo homem do campo – passando pelas novelas e filmes de televisão, letras de músicas populares cantadas e aprendidas por um elevado número de pessoas, peças teatrais e modernos textos digitais visualizados no celular ou no microcomputador – até as mais sublimes obras de literatura, marcadas por uma criação apurada de linguagem, o homem, definitivamente, não existe sem o ficcional.

Há, na essência do ser humano, o imperativo que reclama este colocar-se diante do mundo para sentir o prazer que não tem a função senão a de satisfazer aos anseios estéticos. O que Candido (1995) observa a respeito da relação do homem com o fictício corresponde, contiguamente, ao que Greimas chama de estar condenado à significação (GREIMAS, 1976). Como ser condenado a construir sentidos, o homem não deixa despercebidos os traços do objeto que lhe são imanentes e o levam, de alguma forma, a sobressair-se diante dos outros.

É importante lembrar que construir sentidos não é o mesmo que fazer sentido, o que seria um equívoco, já que não fazemos o sentido, como fazemos um bolo, por exemplo. O sentido, Greimas nos deixa entender assim, mais se faz para nós, manifestando-se, do que nós

fazemos em relação a ele. Na verdade, a semiótica o compreende como resultado de uma construção intersubjetiva, numa relação corpo-a-corpo que envolve tanto os traços imanentes do objeto como a nossa materialidade biológica e social (GENINASCA, 2004). Os sentidos são construídos, portanto, como em uma negociação, e, no caso do objeto estético, fazemos o jogo da significação utilizando-nos, além de todo o repertório de conhecimentos aprendidos socialmente, dos nossos próprios sentidos corporais, que são convocados a experimentar o mundo no que ele pode oferecer de sensações prazerosas ao corpo (GREIMAS, 2002).

2. Conversando sobre literatura com alunos do ensino médio

No sentido de compreender algumas relações de estudantes do ensino médio com a literatura, realizamos uma entrevista² com os alunos de uma turma de 3ª série de uma escola estadual de Nova Olinda, Tocantins. A entrevista se moveu a partir de objetivos pré-estabelecidos, com o propósito de analisar quais seriam os sentidos que os alunos participantes atribuem ao plano de expressão da literatura, considerando sua evolução ao longo de um processo histórico.

Por meio de um diálogo aberto, marcado muito mais pela nossa escuta e a participação ativa dos estudantes na discussão, guiamo-nos por um roteiro que enfatizava o texto literário em sua manifestação física, conduzindo o olhar dos estudantes para que percebessem a evolução do plano de expressão na literatura.

Assim sendo, reunimo-nos com os alunos da turma em uma sala com projetor, entrecortando nossa conversa com a leitura de poemas de várias épocas da literatura e estimulando os participantes para que falassem a respeito do possível prazer estético promovido pelas construções de linguagem.

Ao longo do nosso diálogo, muitas vezes, houve desvios no que se refere ao tema central, da manifestação literária em seu plano de expressão, mas que diziam respeito ao texto literário, ao prazer de ler ou à forma como é dada a literatura na escola. Porém, compreendemos esses desvios como manifestações discursivas que significam e contribuem para a nossa interpretação do que seja a relação dos alunos com a literatura naquele contexto.

Trata-se, portanto, de um estudo de caso em que o procedimento metodológico se fez por meio de entrevista, uma conversa aberta que priorizou a escuta para, assim, compreendermos quais são os sentidos que os sujeitos participantes atribuem ao objeto literatura.

² A entrevista se realizou no dia 4 de agosto de 2015, das 8h 30min até às 11h da manhã.

Durante esta investigação, as escolas da rede estadual do Estado do Tocantins encontravam-se paralisadas, em virtude de uma greve dos profissionais da educação, que reivindicavam do governo determinados ajustes em relação às condições de trabalho. Para que pudéssemos concretizar a pesquisa, mobilizamos os alunos da turma almejada por meio de uma página eletrônica da turma, em uma plataforma de internet, convidando os estudantes a comparecer à escola no dia da entrevista, o que fizeram de forma satisfatória.

Tivemos, assim, a participação de trinta e três alunos, quase o total do número de estudantes daquela turma, que compareceram à escola no sentido de contribuir com esta investigação. Houve, portanto, uma situação particular que contribuiu para o maior sucesso da entrevista, como a disponibilidade dos alunos e a nossa reunião num momento tranquilo no espaço da escola, sem interferências de ruídos ou contratempos.

Pautamo-nos, na pesquisa, pelo entendimento de que o profissional da educação tem, para com a sociedade, uma espécie de compromisso, que não tem nada a ver com missão ou com trabalho de cunho religioso, mas com atitudes concretas e sistemáticas sobre problemas sociais reais. A esse respeito, lembremos o que Paulo Freire afirma: “compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano do concreto” (FREIRE, 2008, p. 7).

Entendemos não ser possível haver pesquisa sem que haja, igualmente, uma estreita relação do pesquisador com o objeto investigado, principalmente em se tratando de um pesquisador-educador, que investiga, fundamentalmente, no sentido de angariar reflexões e propostas que recaiam sobre suas ações na profissão.

A partir do que observa Demo (2006) a respeito da investigação acadêmica, quando diz ser o pesquisador um ator social e um fenômeno político – já que está envolvido em uma situação de interesse necessariamente político e social –, assumimos o nosso compromisso com o objeto investigado, com a problemática do ensino de literatura no atual contexto da sociedade brasileira.

Como já mencionado, a entrevista com os alunos de uma turma de 3ª série do ensino médio do período matutino ocorreu por meio de um diálogo aberto, porém sistematizado e orientado para que houvesse uma discussão em torno do tema proposto. Alguns dos questionamentos que nos conduziram se referem ao modo como os alunos costumam ler literatura, em casa ou na escola, assim como sobre os seus propósitos durante as leituras e o que pensam ser o prazer no texto literário.

Nesse sentido, trazemos, a seguir, algumas falas importantes ditas pelos alunos durante a conversa, organizadas de modo que possamos refletir, à luz da teoria que nos

embasa, sobre o modo como os estudantes, em geral, vêm se relacionando com o texto literário, percebendo ou não o prazer que se constrói no plano de expressão textual.

Para que possamos preservar suas identidades e atendamos ao princípio da ética, utilizamos, aqui, nomes fictícios acompanhando suas falas, organizadas para que tenhamos, ao menos, uma representação do diálogo que ocorreu durante a entrevista.

Logo de início, os participantes expressaram-se sobre a relação que a maioria dos jovens tem com a literatura:

Acho que as pessoas se viram mais pra literatura quando estão sendo pedidas, tipo o Enem. Agora, né, aí todo mundo: “não, agora vou estudar literatura, porque vai cair no Enem”. Aí todo mundo estuda, estuda, aí quando passa, aí passei, aí também nem liga mais. Só usa quando precisa, quando realmente precisa. Ou então quando ta na faculdade, aí o professor, “não, o professor passou que era pra mim estudar isso aqui, literatura tal”. Não lê por prazer, só quando precisa. (Rachel, agosto de 2015)

Tipo, ninguém vai ler por prazer! (Murilo, agosto de 2015)

Eu acho, assim, que a sociedade, hoje em dia, só quando precisa, ninguém lê assim como antigamente: ah! Eu lia Fernando Pessoa porque isso me, me divertia, eu viajava... eu, porque, naquele tempo, não tinha internet, naquele tempo não tinha nada assim diferente, só livro e pronto. Aí, hoje em dia, com a internet, além de ficar mais fácil, as pessoas não ligam mais. Pra mim é isso... (Clarice, agosto de 2015)

A maioria dos jovens lê literatura só pra passar no Enem, não lê pra sentir prazer. (Jorge, agosto de 2015)

Esses alunos julgam a relação que geralmente se estabelece com a literatura a partir de um ponto de vista crítico, visto que se percebem como leitores de literatura que buscam o prazer do texto. Assim, apontam o uso da literatura para fins práticos, como a aprovação em exames, como uma prática negativa e distanciada do que pedem, de fato, os textos literários.

Dessa forma, a Raquel observa que muitos leem literatura apenas quando cobrados de alguma forma, principalmente para alcançar a aprovação no Enem – Exame Nacional do Ensino Médio –, quando os interessados buscam na literatura um conteúdo possível de ser cobrado no exame (*aí todo mundo estuda, estuda*). Em seguida, ela aponta o conseqüente abandono da literatura, após a realização das provas e a aprovação (*aí, quando passa, aí, passei, aí também nem liga mais*). Essa estudante entende que há um contato com a literatura marcado pelo pragmatismo, por valores culturais de mercado, sendo, portanto, de interesse passageiro, sem vistas ao prazer do texto.

A Clarice, da mesma forma, considera que há, na atualidade, esse contato com a literatura relacionado a interesses práticos. Acrescenta que, existe, hoje, um modo de vida que dificulta o interesse pela leitura, com a existência da internet e a oferta de outros entretenimentos que desviariam a atenção das pessoas da literatura. Ela contrapõe, desse

modo, a atualidade, povoada de tecnologias da informática, e o passado, quando, segundo ela, as pessoas liam mais porque apenas podiam contar com o livro como meio para a distração (*só livro e pronto*).

O Murilo e o Jorge repetem a ideia das colegas, falando da existência de uma relação com a literatura marcada por interesses práticos, ligados à aprovação no Enem. Também falam de prazer, como algo não buscado pela maioria que lê os textos literários (*tipo, ninguém vai ler por prazer; [...] não lê pra sentir prazer*). Nesse sentido, reconhecem a natureza da literatura como uma textualidade construída para o prazer do leitor, sendo a leitura para fins práticos um desvio dessa natureza, das finalidades próprias da literatura.

Podemos compreender que existe uma concepção já formada para esses alunos do que seja o texto literário e de quais são as suas finalidades, pois a relacionam à ideia de prazer, descontração, entretenimento, entendendo que há um afastamento dessas finalidades quando o que se busca são questões práticas da vida, ao se utilizar a literatura como pretexto para outros estudos.

Solicitados para que falassem a respeito do prazer do texto, alguns dos participantes responderam o seguinte:

O prazer da literatura, não sei explicar. (Lygia, agosto de 2015)

Quando você pega um livro pra ler mesmo, você se interessa pela história e começa a ver assim o que você perdeu, com, que você tava tão interessado em outras coisas assim tão banal, e aí, quando você começa a ler Fernando Pessoa, é, deixa eu ver outro aqui (). Não! Agora só veio ele (risos)! Pois é, você começa a ver como era bom aquilo de falar daquele jeito e é bom, distrai a cabeça, e você viaja e é prazeroso. (Rachel, agosto de 2015)

O que procuro encontrar na literatura é algo diferente do cotidiano, da realidade de hoje, porque a gente liga a televisão, só vê coisa ruim, você mexe na internet só vê coisa ruim, assim a maioria, né? Tem coisas boas também. Você vai sair, vai conversar com uma pessoa, você conversa, conversa, conversa, acaba tocando num assunto, numa coisa ruim. A literatura não, você foge um pouco da realidade, do cotidiano, daquela coisa ruim, você viaja, é diferente. É isso que é o prazer, pra mim. (Clarice, agosto de 2015)

Essa questão obteve pequena discussão a início, porque os alunos demonstraram pouca compreensão do que seria o prazer da literatura, apesar de sempre a relacionarem à ideia de prazer. Assim, poucos deles se expressaram e, quando o fizeram, falaram timidamente, demonstrando certo receio e insegurança.

A fala da Lygia é uma demonstração do que ouvimos de quase todos os estudantes que participaram desta entrevista, afirmando não saber explicar o que representa o prazer na literatura, mesmo assegurando serem leitores assíduos de textos literários. Não evidenciaram,

assim, partir de um ponto de vista sistemático, formado através de uma educação para o estético, mas da prática pessoal com o texto.

É possível que esse resultado seja oriundo da formação literária oferecida na escola, com vistas muito mais ao estudo histórico dos períodos da literatura ou a leitura para o exercício da interpretação/compreensão do texto. Tanto a prática quanto estudos apontam a existência de uma visão instrumentalista na educação literária das escolas brasileiras, considerando a futura aprovação em exames e concursos como o alvo desse estudo.

No entanto, alguns alunos, como a Rachel e a Clarice, apontaram o prazer construído no texto: “você começa a ver como era bom aquilo de falar daquele jeito e é bom, distrai a cabeça, e você viaja e é prazeroso”; “você viaja, é diferente. É isso que é o prazer, pra mim”.

Essas duas alunas falaram de duas características essenciais da literatura, que são o distanciamento do comum, do natural, e a construção de linguagem particular, apesar de que, para a Rachel, o prazer da palavra reside, na literatura, na sua historicidade, na revelação de um modo de falar antigo.

Ao que parece, há uma relação do prazer literário com a fantasia, a imaginação, assim como com o passado, o distante, diferente do vivido agora, no atual contexto histórico, que congrega problemas e agruras. A literatura seria, assim, um espaço e um tempo para a fuga da realidade, do vivido todos os dias, como um instante para a fantasia e a imaginação.

Um pouco mais instigadas a falar, as alunas expressaram o seguinte:

Tem o poder da imaginação. É que nem, eu sei que não tem nada a ver, John Green naquele livro dele, Cidades de Papel, ele deixou, assim, uma coisa assim no ar, colocasse o final que quisesse. Eu achei bem legal, porque, assim, a literatura é isso, a gente tem que imaginar o final que quiser, não precisa ser necessariamente porque o autor colocou que tem que ser aquele final, eu achei bem legal. Acho que toda literatura tem que ter esse negócio assim no ar. Não, vou pela minha imaginação, por exemplo, n'A Cidade de Papel, quando ele encontra a menina, a menina não queria ser encontrada, aí deixou no ar: eles dois ficaram juntos ou eles ficaram separados? Aí vai pela imaginação. Na minha imaginação, os dois ficaram juntos, namoraram, casaram, teve filhos, tudo, mas em outras, não, eles se separaram, ficaram magoados e cada um foi pro seu lado. Eu acho legal isso, entendeu? Assim, treinar a imaginação, porque, hoje em dia, tá muito ali naquela coisa assim, a imagem é essa e só pode ser aquilo. (Rachel, agosto de 2015)

A literatura tem esse caráter, não é? Deixa um assunto no ar, tipo Ilda Furacão, a gente não sabe corretamente como terminou a história. Tem também Memórias Póstumas, por exemplo, fala que uma hora ele inventa que, tipo quer demonstrar que ele é querido, só que usa sempre da ironia, quem lê realmente prestando atenção dá pra ver que existe um sarcasmo. Existem também situações contrárias, por exemplo, tem uma parte que ele fala “uma chuva miúda, porém, tava um céu nublado”, ao mesmo tempo que ele explica porque as pessoas faltaram, também ele explica que não havia motivo pras pessoas faltarem, aí fica a controvérsia. Memórias Póstumas, eu chorei! (Clarice, agosto de 2015)

Acho que a própria leitura tem a, o poder de levar a gente pra outro mundo, viajar, perder a noção do tempo. O bom da literatura é ler pra gente imaginar, e livro de

história [narrativas] de literatura é muito descritivo, então... (Carlos, agosto de 2015)

Nessas falas, percebemos uma maior aproximação da ideia do prazer estético como uma construção de linguagem, um efeito de sentido que se origina pelo modo como se organiza a língua, conduzindo o leitor a perceber e a participar das sensações instigadas no texto.

A Rachel menciona a necessidade de o texto literário construir o espaço do leitor, como coadjuvante na elaboração do enredo ou das tramas que a textualidade propõe. O prazer da literatura, para ela, se constrói por haver a participação do leitor na condução do texto, que, assim, precisa ser ativo durante a leitura, por meio dos estímulos da linguagem e da imaginação.

Citando John Green, romancista norte-americano, ela fala da necessidade de se “deixar uma coisa no ar”, ou seja, de se construir o texto de modo que o leitor possa imaginar, elaborar a narração junto com o narrador, agir durante a leitura, conduzindo-se pela organização da linguagem no texto.

A Cecília vai um pouco além, em relação às questões de construção da linguagem e do prazer estético da palavra, e exemplifica citando construções de linguagem como a ironia e o sarcasmo, como tramas que estimulam o exercício da percepção do leitor (*quem lê realmente prestando atenção dá pra ver que existe um sarcasmo*).

Para a Cecília, o texto literário proporciona prazer porque usa a língua como uma trapaça, um desvio do uso prático e comum, o que leva o leitor a ser convocado pelo texto, devendo, assim, esforçar-se para compreender a mensagem, relacionar-se com a linguagem de um modo diferenciado e, por meio disso, possa fruir a estética literária.

O comentário de o Carlos se aproxima muito das discussões sobre a apreensão do estético na semiótica de Greimas. O prazer, nessa relação especial entre sujeito e objeto, se faz pelos traços do objeto que o tornam particular, de forma que o sujeito é arrebatado da linha de ações que marcam sua trajetória natural, surpreendido pelas características imanentes do objeto estético (GREIMAS, 2002). Durante essa experiência peculiar, há uma parada do tempo e uma fuga do espaço real, pois são instituídos um novo tempo e outro espaço, como consequência do rompimento com o movimento natural e corriqueiro, e o sujeito estabelece com o mundo uma relação incomum, a relação estética.

O Carlos, possivelmente de forma intuitiva e movido pelas suas experiências pessoais com a literatura, considera que a fruição estética é resultado dessa descontinuação do tempo e do espaço vividos para se experimentar outro tempo e outro espaço, porque a

literatura, segundo ele, tem “o poder de levar a gente pra outro mundo, viajar, perder a noção do tempo”. Essa mesma noção sobre o prazer do texto é discutida, em outros termos, no âmbito das teorias do letramento literário, que reforçam a importância de se ofertar um ensino para a percepção do prazer que emana do texto a partir da própria linguagem que é utilizada, como uma organização da língua que promove, dentre muitas possibilidades, a imaginação, a vivência de outra realidade pelo viés da ficção, a experiência de situações e tempos impensáveis no âmbito das relações concretas com o mundo (SOUZA & COSSON, 2011).

Alguns dos estudantes participantes demonstraram, assim, compreender o papel da literatura, a sua função como objeto estético, assim como o prazer inscrito na linguagem literária. Há, portanto, um nível de letramento literário satisfatório por parte de alguns alunos, enquanto outros ainda revelam uma não compreensão ou mesmo a não vivência com a literatura enquanto texto construído para a satisfação do leitor. Isso se revela, por exemplo, nas seguintes falas:

Acho que formação da própria cultura da pessoa é necessário. A literatura, também, é o estudo da própria sociedade, porque nela aborda temas de diversas épocas que aconteceram, a maneira que era, a forma. Em cada ano da literatura, aborda temas diferentes, antigamente falava muito sobre os índios, sobre, aí vai mudando com o passar do tempo. (Arnaldo, agosto de 2015)

A gente aprende muitas palavras novas. Tem palavras que nem sabia que existiam (risos), quando eu vou ler, aí eu vou saber o significado. (Gregório, agosto de 2015)

Eu não sei se é considerado literatura mesmo de verdade mas Stephenie Meyer também é muito boa, a do Crepúsculo, A Hospedeira também é muito bom. (Gabriela, agosto de 2015)

A resposta de Arnaldo relaciona a literatura à cultura, como um valor socialmente construído e que, por suas formas de elaboração engajadas no tempo, se oferecem como documentos para o estudo da história e da sociedade. É uma compreensão de literatura oriunda de uma formação embasada no estudo dos períodos literários, em que se relacionam textos com o contexto histórico de cada época, sem, no entanto, promover uma leitura com vistas ao prazer, ancorada aos valores estéticos da língua.

Gregório acredita que a literatura se presta ao aprendizado de novas palavras e, por isso, pode ser um importante meio para o aprimoramento do vocabulário. Sem dúvida que essa é uma consequência da prática de leitura, seja ela de qual tipo for. Porém, ao fazer essa relação sem mencionar o prazer estético ou a satisfação pelo conteúdo do texto, esse estudante focaliza sua ideia sobre literatura nesse único ponto, na aprendizagem do significado de palavras novas, entendendo, assim, que o texto literário é um pretexto para o ensino da língua.

Já Gabriela cita obras não literárias do ponto de vista acadêmico, mas textos convencionalmente escritos com ênfase num conteúdo que angaria o título de *best-seller*, por meio de um enredo agradável aos anseios da maioria dos jovens (ABREU, 2006). Trata-se, certamente, de uma formação leitora promovida pelas tendências do mercado, que estimula a divulgação de obras pelo conteúdo que veiculam.

A entrevista foi entrecortada pela apreciação de obras diversas, como o “A mulher que mais amei”, de Patativa do Assaré, “Soneto de Separação”, de Vinícius de Moraes, e alguns poemas digitais. A respeito da beleza dos textos, os alunos citaram: a voz do recitador (no caso do poema oral de Patativa do Assaré), referindo-se à entonação, ao ritmo e à cadência na recitação do poeta; a rima e o ritmo (no caso dos poemas de Patativa do Assaré e Vinícius de Moraes), porque, segundo eles, são características que imprimem ao texto um modo especial de leitura e, portanto, oferecem a possibilidade de fruição; o movimento, o som e a marca tridimensional, no caso dos poemas digitais; o assunto dos poemas, retratando sentimentos ou comportamentos humanos.

A seguir, alguns depoimentos a respeito dos poemas digitais:

Eu nunca tinha ouvido falar em literatura digital, professor. Eu achei legal, interessante, tem a ver com a atualidade. (Rachel, agosto de 2015)

É interessante, mas eu prefiro a literatura clássica. O poema digital usa muito recurso, é fácil de entender, mas o poema clássico mexe mais com a imaginação, usa mais uma linguagem interessante. (Clarice, agosto de 2015)

Professor, pra falar a verdade, eu não achei muita graça não. É legal, eu já tinha visto, mas pra mim eu não vejo muita graça não. (Murilo, agosto de 2015)

É bom, acompanha a modernidade. É interessante que nem o poema tradicional, só que tem mais recurso, tem som, tem movimento. Trabalha a imaginação do mesmo jeito, porque a gente tem que se esforçar pra entender, não é só olhar, tem que prestar bem a atenção, conhecer algumas coisas, aí a gente entende. O poema tradicional tem mais esforço porque só usa a palavra no papel, tem que mexer com os sentimentos sem usar outra coisa, só a palavra. (Lygia, agosto de 2015)

Não, eu acho que o poema digital é tão bom como o poema da literatura, dessa literatura que a gente estuda na escola. Só que o poema da literatura parece que explora mais a emoção do que o poema digital, não sei se é impressão minha. O poema digital, muitas vezes, a gente nem sabe quem é o autor. É interessante, tem mais a ver com essa geração de agora, não sei, mas, pra mim, o poema tradicional tem mais sentimento. Um soneto desses, tipo do Vinicius de Moraes, ou aqueles poemas do, do Patativa do Assaré, emociona mais a gente do que um poema digital. (Carlos, agosto de 2015)

Percebemos a existência de uma compreensão do poema como texto que proporciona prazer pelo modo como é elaborado, pelas formas de linguagem, por seus traços imanentes, por sua capacidade de conduzir o leitor a uma realidade construída pela imaginação, assim como pelo conteúdo veiculado, os temas abordados nos textos.

Os alunos, de um modo geral, manifestaram ter contato frequente com textos literários, em alguma de suas formas, seja por meio da literatura canônica ou através da internet, dos poemas digitais. Há certa compreensão sobre o prazer do texto, a elaboração especial de linguagem, as formas de construção da língua distanciadas do natural, como também existe, por outro lado, o entendimento de que a literatura se presta a abordagem de temas, ao ensino da língua ou a um estudo histórico e social.

Pensando no letramento literário como um processo específico de formação literária no qual se buscam desenvolver capacidades de leitura com vistas ao prazer do texto (PAULINO, 2001), houve alguns depoimentos que atestaram a existência dessa formação na escola, mesmo que ainda de modo incipiente ou insuficiente. Muitos dos estudantes relataram ter contato com a literatura por meio da família ou de modo pessoal, em casa e através de amigos, o que mostra que essa formação tem dependido de variadas questões, não apenas da formação escolar ou da metodologia utilizada nas aulas:

É engraçado é meu pai. Ele não gosta de ler jeito nenhum, né? Aí, ele vai e fala assim: “minha filha, o pai não gosta, mas minha filha fala aí que o pai acompanha. Minha filha gosta, a língua que a minha fala o pai não entende”. Aí, ele tem uma amiga dele que lê muito também, aí, ele apresentou ela pra mim, disse que era pra nós trocar livros e, aí, a gente pegou o Whatsapp³ uma da outra e a gente fica trocando. Tipo assim, tipo ela leu livro tal e eu li outro livro, aí, a gente fala “ah! eu gostei desse” ou “eu gostei dessa parte”. Aí, eu acho legal é isso, porque, apesar dele não gostar, ele me trazer pra perto, entendeu? Na minha casa, eu tenho mais incentivo do que na escola. (Rachel, agosto de 2015)

[...] quando eu estudava na escola “A”, eu lia muito livro lá. Eu só pegava livro grosso. Eu estudava à tarde. Eles me incentivavam muito a ler, eles falavam: “olha, vai lá na biblioteca, chegou livro”. Eles diziam muito pra gente ir lá. (Lygia, agosto de 2015)

Lá onde eu estudava, a gente lia e eles falavam pra gente inventar história, eles falavam muito assim: “faz a sua história também”. Até uma vez eu ganhei, tipo um, um concurso de redação que eu fiz uma história da minha tia, a que ta morando em Portugal agora, eu fiz a história dela. Aí, todo mundo gostou da história dela que eu escrevi. Poema eu já fiz na 3ª série, eles mandavam a gente fazer uns livrinhos, sabe? Aí, a gente inventava os nossos versos. (Carlos, agosto de 2015)

Tinha uma escola que eu estudei que os professores falavam: “olha, vai na biblioteca, passa lá pra pegar um livro”. Até na fazenda! Quando eu estudei na fazenda, eles incentivavam a gente a ler, ia lá buscar livro pra levar pra casa. (Jorge, agosto de 2015)

O meu pai diz assim: minha filha, aproveita que você ta mexendo no celular aí, vai pegar um livro e vai ler. Desse jeito que ele fala (risos). (Arnaldo, agosto de 2015)

³ Whatsapp “é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para smartphones, iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia”. Disponível em: < https://www.whatsapp.com/?l=pt_br>. Acesso em: 13 de agosto de 2015.

[na outra escola] a gente nem sabia que tinha biblioteca, eu sabia porque eu era chegada dos professores, aí eu vivia lá dentro. Eu ia lá, ficava lá e passava o recreio todinho lá. (Clarice, agosto de 2015)

Eu acho as aulas de literatura fracas. Porque, também, a literatura que passa na vida escolar é mais passado, não é presente, devia ser assim mais presente também. (Gabriela, agosto de 2015)

Eu acho que tinha que procurar uma maneira de apresentar o encanto que ta no passado, porque, se não, como é que ele vai gostar do atual se ele não conhece realmente a essência do passado? (Manuel, agosto de 2015)

Eu tinha o meu caderno, eu tinha tanto poema! Eu amava escrever poema, mas perdeu meu caderno lá em casa. (Gregório, agosto de 2015)

Os alunos participantes referiam o incentivo pela leitura, seja na família ou na escola, como um fator importante para a formação do gosto, o que demonstra certa maturidade e desejo de que haja uma educação literária com maior ênfase na leitura prazerosa, desprendida de quaisquer obrigações avaliativas.

Essas suas falas manifestam que a formação literária é um problema social, uma questão que depende da educação familiar, das relações com os amigos, do incentivo geral que possam receber. No entanto, todos focalizam a necessidade de haver esse estímulo na escola, como instituição de ensino com maiores responsabilidades em relação à formação do gosto e à percepção do estético na literatura.

Mesmo que de forma ainda muito inicial, houve alguns estudantes que manifestaram a compreensão de que o prazer estético refere-se a um afastamento do natural, relacionando os traços de linguagem da literatura com sua especificidade, com seu caráter artístico, e, por isso, sendo capaz de arrebatá-lo e fazê-lo experimentar a estesia (GREIMAS, 2002).

Suas falas insinuam muito do que se discute na teoria semiótica a respeito da relação do sujeito com o objeto estético, considerando que o homem não apenas sujeito da ação, mas que sofre ações, sendo afetado pelo mundo de diversas formas (GREIMAS, 2002). Falaram de leitura livre, desprendida de atividades escolares, de imaginação, de viagem a outra realidade, em outros espaços e outros tempos, compreendendo que o objeto literário, como objeto pregnante, é capaz de arrebatá-lo e fazê-lo experimentar sensações novas.

Considerações finais

Considerando que esta investigação objetivou compreender qual seria a relação de estudantes do ensino médio com a literatura – especialmente, se conseguem entender o prazer que emana dos traços que compõem a linguagem literária –, percebemos, por meio de seus discursos, que há uma relação satisfatória, do ponto de vista do letramento literário. No

entanto, compreendemos que ainda se trata de uma formação incipiente, oriunda, principalmente, de experiências pessoais dos alunos-leitores com o texto.

Através da entrevista, percebemos que muitos dos estudantes consideram a literatura com objeto construído para o prazer, e qualquer leitura de textos literários realizada com fins práticos se caracteriza como um desvio das finalidades estéticas desse objeto.

Além disso, um número considerável deles manifestou compreender que a relação do sujeito-leitor com o objeto-literatura deve ser marcada por um instante de fuga, uma ruptura da continuidade de ações que assinala sobremaneira o cotidiano. Revelaram entender o momento de estesia como uma parada para sentir, uma outra forma de perceber e significar o mundo, do nível do sensível, congregando imaginação, fruição pela linguagem não natural e esforço diante da palavra metaforizada.

Ao mesmo tempo em que expressaram a ausência de uma formação literária com vistas ao prazer estético na sala de aula, demonstraram o desejo de que houvesse o maior estímulo, na escola, à leitura prazerosa da literatura. Interessante o posicionamento dos estudantes diante da formação que recebem na escola, quando sugeriram mudanças e apontaram metodologias em que acreditam.

Dessa forma, esta pesquisa apontou que uma formação literária oferecida para a apreciação estética não se trata de um objetivo difícil de ser alcançado, ou uma tarefa árdua diante de qualquer indisponibilidade dos estudantes. Certamente, existem barreiras a serem vencidas, principalmente relacionadas a questões sociais, de formação de valores e, portanto, de construção do gosto. Mas se tratam de obstáculos transponíveis, se o docente reconhece esse desejo de satisfação estética como um elemento da natureza humana, intrínseco ao caráter de qualquer pessoa, e, além disso, conhece e joga com o universo de valores de seus alunos.

Os estudantes da educação básica, como qualquer pessoa humana, vivenciam a ficção, os jogos de linguagem, a imaginação, as estratégias de fuga do cotidiano, de rompimento com o natural e pragmático da vida. Cabe ao professor aproveitar-se dessas experiências já vividas pelos educandos para construir o caminho mais adequado a uma formação do gosto pelo texto literário.

Referências

ABREU, M. *Cultura letrada*. Literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril, 1981.

BARTHES, R. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

- _____. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, A. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. *Textos de intervenção*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, P. *Educação e Mudança*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GENINASCA, J. *Quand donner du sens c'est donner forme intelligible*. In: E|C, Rivista dell'Associazione italiana di studi semiotici, Iuglio, 2004, p. 1.
- GREIMAS, J. A. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- _____. *Da Imperfeição*. Pref. e trad. Ana Claudia de Oliveira; apres. de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski – São Paulo – Hacker Editores, 2002.
- LANDOWSKI, E. *Para uma semiótica sensível*. Revista Educação & Realidade, 30(2):93 – 106 jul/dez 2005. pp. 93-106. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/12417/7347>>. Acesso em: jul. 2015.
- PAULINO, G. *Letramento literário: por vielas e alamedas*. Revista da FACED, n. 5, 2001.
- PLATÃO. *A República*. Trad. M. H. R. Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- SILVA, L. H., O. & MAGALHÃES, H. G. D. *Semiótica e teoria literária: um percurso interdisciplinar nas práticas/reflexões em torno do letramento literário na Pós-Graduação*. Araguaína, TO: Revista do Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – n. 3, 2011.
- SOUZA, R. J.; COSSON, R. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. São Paulo: UNESP/UNIVESP, Agosto/2011. p. 101-107. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 13/07/2015.

Recebido em: 29.10.2015
Aceito para publicação em: 13.12.2015